



Medievalis

v. 11, n. 1 (2022)

Sobre uma tradução e um texto traduzido

| 90

Célia Marques Telles¹

Resumo: Como falar de texto manuscrito se este é o título? É um caminho a ser percorrido. Ao ler a tradução de um texto latino, desperta-nos a curiosidade de saber como ele estava escrito. Começo difícil porque poucos textos puderam ser lidos no original. Isto, entretanto, não é restrito aos textos da latinidade. Ao estudar o discurso de textos latinos não canônicos, na busca de confirmar a oposição entre discurso do mundo narrado e discurso do mundo comentado (WEINRICH, 1968 [1964], p. 61-94), a escolha recaiu em dois textos, o *Itinerarium Egeriae* e o *De re coquinaria* de G. Apicius, ambos conhecidos em cópias do séc. IX de textos latinos datados do séc. IV d. C. (o primeiro) e do séc. I a.C. (o segundo), documentando a língua do século IV e V d.C., acrescentado de um excerto datado do século VI (TELLES, 2014). Agustín Arce (1996) fez a edição crítica do *Itinerarium Egeriae*, evidentemente, a partir do único documento existente (um manuscrito apógrafo), em letra “da escola lombardo-cassinense”, também chamada beneventana. Jacques André editou o *De re coquinaria* com base em dois manuscritos em letra carolíngia, datados também do séc. IX, o *Codex Vaticanus* (V) e o *Codex* (E) da New York Academy of Medicine. Outro códice, o *Parisinus latinus* (P), acha-se escrito em letra semi uncial (ASFORA, 2008). A partir das edições de Arce (ITINERARIO..., 1996 [381-384]) e de André (APICIUS, 2002 [séc. I a.C.]) tentar-se-á mostrar as principais características das scriptae dos códices do *Itinerarium Egeriae* e do *De re coquinaria*.

Palavras-chave: Tradução; Língua Latina (séc. I a.C.-IV d.C.); Textos latinos não canônicos; Paratexto.

Abstract: How can we speak about a manuscript text if we have such title? This is the way we must go through. When we read a Latin text translation, we became curious about how it was written and this is a difficult, because few texts could be read in the original. This is not restricted to Latin texts. In studying the discourse of the non canonical Latin texts, looking for the confirmation of the opposition between narrated world discourse and commented world discourse (WEINRICH, 1968 [1964]: 61-94), the choice was two texts: the *Itinerarium Egeriae* and the G. Apicius *De re coquinaria* both known by the 9th century copies of Latin texts dated at the fourth century after Christ (the first) and the 1st century before Christ (the second). This one documents the language of the fourth and the fifth centuries after Christ, and it is augmented by an excerpt dated at the sixth century (TELLES, 2014). Agustín Arce makes a critical edition of the *Itinerarium Egeriae*, evidently using the single existent document (an apograph manuscript), written up langobardic-cassinense school script, also called beneventan. Jacques André edited the *De re coquinaria* based on the two manuscripts in caroline script, also dated on the ninth century, the *Codex Vaticanus* (V) and the New York Academy of Medicine *Codex* (E). Another codex, the *Parisinus latinus* (P), is written in half-uncial script (ASFORA, 2008). From the editions of Arce (ITINERARIO..., 1996 [381-384]) and André (APICIUS, 2002 [séc. I a.C.]) we shall to show the main characteristics of the codex scriptae of the *Itinerarium Egeriae* and the *De re coquinaria*.

Keywords: Translation; Latin language (1 BC – AD 4²); Non canonical Latin texts; Paratext.

¹ Professora Titular de Filologia Românica da UFBA. Docente Permanente do Programa de Pós-Graduação em Língua e Cultura da UFBA. Pesquisadora 1D do CNPq.

<http://lattes.cnpq.br/4961505951749379>

E-mail: cmtelles@ufba.br

² Indicamos o período, conforme BROWN (1993[1990]:[14]).





Introdução

Como falar de texto manuscrito com o título acima? É um caminho a ser percorrido. Ao lermos a tradução de um texto latino, desperta-nos a curiosidade de saber como ele estava escrito. Começo difícil porque poucos textos puderam ser lidos no original. Isto, entretanto, não é restrito aos textos da latinidade.

O final do século XX viu a transformação sofrida pela crítica textual. Mudança esta que veio afetar a perspectiva das pesquisas. Esta alteração chegou tanto no campo do estudo do texto, com a Sociologia do Texto, como naquele do estudo da língua do texto, alinhando-se com a Sociolinguística Histórica

É preciso, neste momento, recordar as palavras de D. F. McKenzie em *Bibliografía y sociología de los textos* (MCKENZIE, 2005 [1999]):

Um livro jamais é simplesmente um *objeto* extraordinário. Como todas as outras tecnologias, sempre é o produto da atuação humana em contextos complexos e altamente voláteis que uma investigação cabal tem de tentar recuperar, se deseja entender melhor a criação e a comunicação de significados como característica definitiva das sociedades humanas³ (MCKENZIE, 2005 [1999]:22).

Assim, um texto não é um simples documento/monumento escrito. Como afirma, ainda McKenzie (2005 [1999]) “[...] o que constitui um texto não é a presença de elementos linguísticos, mas o ato de sua construção⁴” (McKENZIE, 2005 [1999]: 59).

Nessa etapa da argumentação, retomamos dois dos conceitos do título: “Sobre uma tradução e o texto [original] traduzido”, no qual “tradução” e “texto [original] traduzido” levam a pensar no ato de construção de cada um deles. E eis o início do percurso para chegar à paleografia: a construção do texto latino.

Nessa direção, é preciso lembrar as seis perguntas que resumem as considerações de Armando Petrucci (2003 [2002]) relativas ao método “[...] que em nosso caso é o indiciário, de relevo e de análise formal e comparativa das características gráficas e materiais de cada um dos testemunhos escritos tomados em consideração⁵ [...]” (PETRUCCI, 2003 [2002]: 8), a saber:

³ “Un libro nunca es simplemente un objeto extraordinario. Como todas las otras tecnologías, siempre es el producto de la actuación humana en contextos complejos y altamente volátiles que una investigación cabal tiene que intentar recuperar si desea entender mejor la creación y la comunicación de significados como característica definitoria de las sociedades humanas”.

⁴ “[...] lo que constituye un texto no es la presencia de elementos lingüísticos, sino el acto de su construcción.

⁵ “[...] que en nuestro caso es el indiciario, de relevamiento y de análisis formal y comparativo de las características gráficas y materiales de cada uno de los testimonios escritos tomados en consideración [...]”.





- 1) O QUE? Em que consiste o texto escrito que se deve transferir para o código gráfico que nos é habitual, através da dupla operação de leitura e transcrição? [isto é, a edição a ser feita].
- 2) QUANDO? Época em o texto em si foi escrito no testemunho que estamos estudando.
- 3) ONDE? Zona ou lugar em que se levou a cabo a obra de transcrição.
- 4) COMO? Com que técnicas, com que instrumentos, sobre que materiais, segundo que modelos foi escrito esse texto?
- 5) QUEM O REALIZOU? A que ambiente sociocultural pertence o executor e qual era em seu tempo e ambiente a difusão social da escrita.
- 6) PARA QUE FOI ESCRITO ESSE TEXTO? Qual era a finalidade específica desse testemunho em particular e, além disso, qual podia ser sua época e em seu lugar de produção a finalidade ideológica e social de escrever⁶ (PETRUCCI, 2003 [2002]: 8).

Em 2014, em um curso de curta duração sobre *Sociolinguística histórica e filologia textual* (TELLES, 2014), mostramos como essas “perguntas” se enquadravam na perspectiva da Sociolinguística Histórica, relativamente aos parâmetros da sociolinguística variacionista. E aqui são necessários parênteses!

Em 2012, em *Editing the medieval manuscript in its social context*, Nila Vázquez e Teresa Marqués-Aguado (2012: 123-139), tratam dos problemas encontrados na edição e no estudo dos manuscritos medievais na perspectiva dos estudos em Sociolinguística Histórica. Destacam elas aqueles ocasionados: 1) pelos tipos de texto [o QUE de Petrucci]; 2) pelas condições de produção e pelo uso posterior dos manuscritos [as perguntas QUANDO, ONDE, COMO e QUEM O REALIZOU de Petrucci]; 3) pelos aspectos dialetológicos, aqueles da standardização e da mudança linguística; e 4) pelos problemas provenientes do uso de edições publicadas para os estudos de sociolinguística. Em 2013 [trabalho inicialmente publicado em 2002], Edgard W. Schneider escreveu, em *Investigating historical variation and change in written documents: new perspectives* (SCHNEIDER, 2013 [2002]), sobre o acesso às fontes escritas, destacando os tipos de textos e sua proximidade relativa à fala, selecionando:

⁶“1. ¿Qué? En qué consiste el texto escrito, qué hace falta transferir al código gráfico habitual para nosotros, mediante la doble operación de lectura y transcripción. / 2. ¿Cuándo? Época en que el texto en sí fue escrito en el testimonio que estamos estudiando. / 3. ¿Dónde? Zona o lugar en que se llevó a cabo la obra de transcripción. / 4. ¿Cómo? Con qué técnicas, con qué instrumentos, sobre qué materiales, según qué modelos fue escrito ese texto. / 5. ¿Quién lo realizó? A qué ambiente sociocultural pertenecía el ejecutor y cuál era em su tiempo y ambiente la difusión social de la escritura. / 6. ¿Para qué fue escrito ese texto? “1. ¿Qué? En qué consiste el texto escrito, qué hace falta transferir al código gráfico habitual para nosotros, mediante la doble operación de lectura y transcripción. / 2. ¿Cuándo? Época en que el texto en sí fue escrito en el testimonio que estamos estudiando. / 3. ¿Dónde? Zona o lugar en que se llevó a cabo la obra de transcripción. / 4. ¿Cómo? Con qué técnicas, con qué instrumentos, sobre qué materiales, según qué modelos fue escrito ese texto. / 5. ¿Quién lo realizó? A qué ambiente sociocultural pertenecía el ejecutor y cuál era em su tiempo y ambiente la difusión social de la escritura. / 6. ¿Para qué fue escrito ese texto?Cuál era la finalidad específica de ese testimonio en particular y, además, cuál podía ser en su época y en su lugar de producción la finalidad ideológica y social de escribir”.





- 1) alguns requisitos básicos para os textos serem usados numa análise variacionista;
- 2) uma categorização de tipos de textos, conforme a proximidade com a fala;
- 3) as classes de transcrição (gravados, memorizados, imaginados, gravação autógrafa imaginada, comentários observados, inventados ou de fontes literárias);
- 4) problemas de representatividade, de validade (natureza do texto e condições de produção da escrita);
- 5) análise dos diferentes níveis de organização da linguagem;
- 6) análise fonética e registros escritos;
- 7) avaliação qualitativa e quantitativa; determinação dos parâmetros linguísticos contextuais (SCHNEIDER, 2013 [2002]: 59-76).

Como se pode observar, apesar da extensão dos parâmetros, tanto a perspectiva de Nila Vázquez e Teresa Marqués-Aguado como a de Edgard W. Schneider estão englobadas nas perguntas de Petrucci.

A escolha dos exemplos de letras usadas na Idade Média

Ao estudar o discurso de textos latinos não canônicos (TELLES, 2014), na busca de confirmar a oposição entre discurso do mundo narrado e discurso do mundo comentado (WEINRICH, 1968 [1964]: 61-94), a escolha recaiu em dois textos, o *Itinerarium Egeriae* (ITINERARIO..., 1996 [381-384]) e o *De re coquinaria* de G. Apicius (2002 [séc. I a.C.]), ambos conhecidos em cópias do séc. IX de textos latinos datados do séc. IV d. C. (o primeiro) e do séc. IX (o segundo), documentando a língua do século IV e V d.C., acrescentado de um excerto datado do século VI (TELLES, 2014).

O Itinerarium Egeriae

Para o texto do *Itinerarium Egeriae*, as seis perguntas de Petrucci são respondidas (TELLES, 2014: 33-40): 1 “O que?”, o *Itinerarium Egeriae* é um diário de viagem; 2 “Quando?”, no século IX; 3 “Onde?”, sendo em letra lombarda cassinense ou beneventana, foi escrito no centro-norte da Itália (o documento acha-se arquivado em Arezzo); 4 “Como?”, manuscrito em pergaminho, que pode ser classificado como do gênero epistolar, em forma de diário de viagem, narração de fatos (o que na literatura de





viagens pode também ser denominado de carta-relação⁷); 5 “Quem o realizou?”, do copista do século IX (o manuscrito foi escrito em Monte Cassino), nada se sabe, mas o original do século IV foi escrito por uma mulher de posses, de nome *Aetheria*, de origem hispano-romana, com nível de cultura elevado, em peregrinação ao Oriente Médio, narrando a sua viagem para suas companheiras de reclusão (monjas), uma escrita feminina (numa época em que a escrita era de uso restrito, mesmo entre os homens); 6“Para que foi escrito esse texto?”, como carta-relação, sua finalidade era narrar a sua experiência, da *peregrinatio animae* (peregrinação da alma) aos lugares santos e o encontro com homens santos (eremitas) e dignidades eclesiásticas (bispos), àquelas a quem se dirige como *affectio uestra; dominae uenerabiles sorores; dominae uenerabiles; dominae animae meae; dominae, lumen meum; domnae, lumen meum; dominae sorores*.

Na sua edição, Agustín Arce (1996) traz uma reprodução do folio 42 do Códice de Arezzo⁸ para exemplificar o tipo de *scripta* e para ilustrar a dificuldade de leitura encontrada nessa *scripta*. O manuscrito em pergaminho, é uma cópia do século IX, como dissemos acima, em letra lombardo-cassinense ou beneventana. É um códice que mede 262mm x 171mm, com trinta e sete folhas, das quais ocupa vinte e duas, numeradas na margem inferior, em época posterior à encadernação.

O *Itinerarium Egeriae*, de acordo com a argumentação de Arce (1996), pode ser datado de 381-384 d.C., data estabelecida pelo próprio texto de Egéria [...]. A propósito da *scripta* do códice, adverte Arce, no item II, *El “Itinerarium” y la fecha del viaje*, subitem 1 *El manuscrito del “Itinerarium”*: “A página 42 do manuscrito, reproduzida fotograficamente [em extrato da cópia fotografada pelo beneditino Georges Grand], fará ver o difícil da leitura e a razão das variantes” (ARCE, 1996: 38).

No subitem 2, *Lectura y transcripción del manuscrito*, ele esclarece: “A visão do códice de Arezzo [...] é agradável pela sua formosa caligrafia do *scriptorium* de Monte

⁷ Em uma comunicação apresentada no II Congresso da Associação de Filologia e Linguística da América Latina, realizado em São Paulo em 1969, definimos “carta-relação”: “[...] as cartas-relação compreendem as cartas-relatórios [das viagens de descobrimento] comunicando as novas descobertas ou conquistas no além-mar ou dando instruções relativas às novas terras; [...] Apresentam traços [decorrentes do seu caráter heterogêneo de documento informativo] que as aproximam ora das crônicas, ora dos diários de navegação, ora dos roteiros de navegação” (TELLES, 1969). Em 2002, em comunicação no VI Congresso da ABRALIC, ampliamos a caracterização linguística do gênero: “A narrativa é construída em tempo passado e, conseqüentemente, em aspecto im prospectivo. Por outro lado, o discurso aparece, também, em tempo presente e aspecto prospectivo, ao ressaltar o *hic et nunc* do narrador. O discurso das cartas-relação é caracterizado pela narrativa da primeira pessoa o elocutor para o alocutor [...]” (TELLES, 2002).

⁸ Como esclarece Arce (1996, p. 38), trata-se de um extrato da cópia fotografada pelo beneditino Georges Grand, reproduzida na lâmina 3 da edição (ARCE, 1996).





Cassino, como a de tantos códices da escola lombarda-beneventana [...]” (ARCE, 1996: 38).

O *De re coquinaria*⁹

Para o *De re coquinaria*, seriam respondidas as seis perguntas de Petrucci (2003 [2002], p. 8), e dadas as características de um texto exortatório, de maneira mais complexa (TELLES, 2014: 67-73). Para a primeira das perguntas, 1 “O que?”, tem-se o fato de o *De re coquinaria* de Apício ser o primeiro receituário em língua latina, acrescentado de um excerto datado do século VI, desse modo ele é um tratado técnico de culinária. O *De re coquinaria* é uma compilação, que tem como base a coletânea de Apício, acrescentada ou estirpada de algumas receitas. Segundo Jacques André (2002a: x), compõe-se de quatro partes: 1) um conjunto de receitas de pratos que constitui a sua parte essencial; 2) de uma parte do *De condituris* de Apicius; 3) de prescrições extraídas de um escrito de medicina; e 4) de receitas traduzidas do grego. O *De re coquinaria* é constituído de dez livros, divididos na edição de Jacques André em 468 parágrafos. Os *Excerpta a Vinidario* contêm 38 receitas.

Para a segunda pergunta, 2 “Quando?”, muitas são as informações. Conhece-se o *De re coquinaria* de Apício através de manuscritos datados do séc. IX. d.C. O texto veiculou através de testemunhos que datam a partir do século IX, documentando a língua do século IV e V d. C. O tratado *De re coquinaria*, atribuído a Apício, é conhecido através de cópias que datam do século IX, mas cujos textos apresentam características comuns àqueles datados do século IV d.C., como a *Mulomedicina Chironis* e a *Peregrinatio Aetheriae*¹⁰ (ANDRÉ, 2002a, p. xii). Trata-se, como dissemos acima, de uma compilação de receitas variadas, com base na coletânea de Apício (séc. I d.C.), reescrita sucessivas vezes, cuja redação, transmitida por cópias do século IX, reflete a língua latina do séc. IV d.C., para o texto de Apício, e do séc. VI, para os *excerpta*.

A tradição manuscrita conta com doze testemunhos, mas Jacques André toma como texto de base os manuscritos: *E – Codex New York Academy of Medecine I (olim*

⁹ O *De re coquinaria* de Apício tem sido objeto de investigação de Wanessa Asfora, desde o seu doutorado na Universidade de São Paulo e avançando a pesquisa mais recentemente. Vejam-se, por exemplo, o seu artigo Reflexões teóricas e metodológicas acerca dos manuscritos medievais de “*De re coquinaria*” para a história da alta alimentação da Alta Idade Média, de 2008; sua tese de doutorado, Apício: história da incorporação de um livro de cozinha na Alta Idade Média (séculos VIII e IX), datada de 2009 e defendida em 2010, e, mais recentemente, entre outros, o artigo O lugar de um livro de cozinha em uma biblioteca pública renascentista: estudo sobre o *De re coquinaria*, atribuído a Apício, a partir do manuscrito laurenziano Plut. 73.20, de 2018 (ASFORA, 2008, 2009 e 2018, respectivamente).

¹⁰ J. André prefere a grafia *Aetheria* àquela usada por A. Arce, *Aegheria*.





Cheltenhamensis bibl. Philips 275), do século IX¹¹ – e *V – Codex Vaticanus Vrbinas latinus 1146*, também do século IX. E, fundamentado no estudo de M. E. Milham sobre a tradição manuscrita do *De re coquinaria*, justifica a sua escolha, pois de *V* descendem oito dos códices apógrafos do século XV, exceto *M* e *N* (ANDRÉ, 2002a: xxii e xxxi).

Quanto ao *Excerpta a Vinidario*, o manuscrito *Parisinus latinus 10318* (dito de Saumaize), é datado dos séculos VII a VIII, cuja língua é posterior àquela do século IV, sendo datada por E. Brandt de fins do século V ou do VI (ANDRÉ, 2002a: xvi). Traz o manuscrito uma lista de especiarias e trinta e uma receitas com o título *Extraits d'Apicius faits par Vinidarius*, podendo o seu autor, de nome germânico, ter feito a cópia na Itália do Norte (ANDRÉ, 2002a: xvi).

Quanto à terceira pergunta de Petrucci, “3 Onde?”, também muito pode ser extraído da tradição. As cópias do séc. IX (provenientes de manuscritos diferentes) estão escritas em letra carolíngia: o E, proveniente de Fulda (ANDRÉ, 2002a: xxxi; ASFORA, 2008: 2), e o V, proveniente de Tours¹² (ANDRÉ, 2002a: xxxi; ASFORA, 2008: 2). O autor da redação, no século IV. d. C., – pouco conhecedor da arte da cozinha, mas provavelmente conhecedor de medicina – usou na sua escrita a variante latina popular, que facilmente poderia ser lida pelos cozinheiros da sua época.

O códice da BNF (*Département des Manuscrits; Nouveau fonds latin 10318*), em letra semi-uncial, segundo Asfora (2018), é de origem discutível, mas provavelmente teria sido escrito no sul da França ou no norte da Itália e datado dos últimos anos do século VIII ou início do IX (ASFORA, 2018, n. 6) (para alguns editores dataria do século VIII, e seria proveniente do norte da Itália (Toscana)¹³, traz uma coletânea de textos, entre eles uma cópia do excerto de Vinidário (ANDRÉ, 2002a: xvi).

Para a quarta pergunta, 4 *Como?*, observamos acima que o *De re coquinaria* de Apício é um texto conhecido através de testemunhos que datam a partir do século IX, documentando a língua do século IV e V d.C., acrescentado de um excerto datado do século VI. É o *De re coquinaria* um texto cuja importância para a história da civilização reside sobretudo na língua, como assinala um dos seus editores críticos, Jacques André (2002a, p. xx).

A questão da autoria vem expressa na questão 5 *Quem o realizou?* J. André (2002a: vii-viii) traça o perfil de M. Gavius Apicius que viveu na época de Tibério e teria

¹¹ Jacques André registra o fato de que do testemunho E deriva um manuscrito perdido que fora conhecido por G. Humelberg (ANDRÉ, 2002 [1974: xxii]).

¹² Wanessa Asfora informa que o códice foi “[...] produzido na igreja colegial de Saint Martin de Tours [...]” (ASFORA, 2018 n. 6).

¹³ O catálogo da BNF informa (que segundo B. Bischof) poderia ser originário da Toscana.





cerca de 40 anos, quando Tibério ascendeu ao poder, e de quem não se tem certeza de quando data a sua morte. Como toda compilação de receitas (de cozinha, ou não), temos uma obra de diversas mãos, em épocas diferentes e trazendo conteúdo heterogêneo. Como escreve Asfora (2008):

[...] a tradição apicianiana provém essencialmente de manuscritos datados do século IX (830-850), e oriundos de contextos culturais bastante distintos: o mosteiro de Fulda [na Alemanha, região de Kassel, estado de Hesse] e a igreja colegial de Saint-Martin de Tours, ambos importantes centros religiosos e intelectuais durante o período carolíngio (ASFORA, 2008, f. 1).

No que tange à sexta pergunta, *6 Para que foi escrito esse texto?*, parece-nos que W. Asfora (2008) esboça claramente este problema identificando-o com o: “[...] desejo de um seleto grupo de letrados em conhecer mais de perto um ambiente cultural distinto que, aparentemente, despertava repulsa e admiração” (ASFORA, 2008, f. 6), lembrando ainda serem fracas as bases de sustentação, se tomada como única possibilidade.

Por fim, o *De re coquinaria* é uma compilação de receitas variadas, com base na coletânea de Apício (séc. I d.C.), reescrita sucessivas vezes, cuja redação, transmitida por cópias do século IX, reflete a língua latina do séc. IV d.C., para o texto de Apício, e do séc. VI, para os *excerpta*. O texto do *De re coquinaria* acha-se dividido em 10 livros: I *Epimeles*, II *Sarcoptesi*, III *Cepvros*, IV *Pandecter*, V *Ospreon*, VI *Trophetes*, VII *Politeles*, VIII *Tetrapvs*, IX *Thalassa*, X *Alievs*¹⁴. O Excerto de Vinidário acha-se transcrito entre as p. 196-203 (ANDRÉ, 2002a, p. xvi), com o título *Apici excerpta a Vinidario viro inlustri*¹⁵, dividido em 6 seções: *Brevis pimentorum que in domo esset debeant vt condimentis nihil desit*, *De seminibvs hoc*, *De siccis hoc*, *De liqvoribus hoc*, *De nvcleis hoc*¹⁶, com 31 receitas.

O estudo das letras

O estudo das escritas dos códices teve início na leitura das edições críticas preparadas por Agustín Arce para o *Itinerarium Egeriae* (ITINERARIO, 1996 [381-384], com tradução para a língua espanhola e por Jacques André para o *De re coquinaria* (APICIUS. 2002 [séc. I a.C.]), com tradução para a língua francesa. O primeiro deles

¹⁴ Traduzidos por Inês de Ornellas e Castro (1997) como: “O cozinheiro aplicado”, “Picados”, “O hortelão”, “Receitas diversas”, “Legumes de vagens”, “Aves”, “O cozinheiro perdulário”, “Quadrúpedes”, “Mar”, “O pescador” (1997: 62, 82, 93, 114, 138, 151, 166, 191, 214, 226, respectivamente).

¹⁵ Na tradução de Inês de Ornellas e Castro (1997: 235), “Excertos de Apício pelo ilustre Vinidário”.

¹⁶ Na tradução de Inês de Ornellas e Castro (1997: 235): “Lista de especiarias que deve haver em casa para não faltarem condimentos”, “Grãos”, “Ervas secas”, “Líquidos”, “Frutos com noz”, “Frutos secos”.





adquiri numa viagem à Espanha, o segundo, depois de muita busca recebi do pai de uma colega italiana.

Quando se tem uma tradução, é preciso lembrar, tendo como ponto de partida a afirmação de A. Petrucci – no capítulo 7 *Textos escritos, textos perdidos, textos recuperados*, de *La ciência e la escritura: primera lección de paleografía* – (PETRUCCI, 2003 [2002], p. 105-121), que podemos entender a tradução na perspectiva de um texto:

[...] que chegou a ser perdido ou esquecido, e por isso não mais reproduzido, poderia também ser recuperado, no todo ou em parte; em realidade isto só pode acontecer nos casos em que a perda e o esquecimento que atuaram contra ele não tenham sido totais e que dele tenha sobrevivido materialmente de / algum modo um exemplar, uma parte, um fragmento¹⁷ (PETRUCCI, 2003 [2002], p. 105-106).

Nessa direção, os dois textos foram recuperados na Idade Média e estão sendo novamente recuperados nas edições e nas traduções deles feitas na contemporaneidade.

Enfim, o estudo paleográfico propriamente dito que me foi solicitado, para o qual preferi usar o clássico manual de Giulio Battelli, as *Lezioni di paleografia* (BATTELLI, 1949).

A partir das edições de Arce (1996) e de André (2002 [1974]) as principais características das *scriptae* dos codices do *Itinerarium Egeriae* e do *De re coquinaria* podem ser examinadas. Agustín Arce (1996) fez a edição crítica do *Itinerarium Egeriae*, evidentemente, a partir do único documento existente (um manuscrito apógrafo), em letra “da escola lombardo-cassinense”, também chamada beneventana. Jacques André (2002 [1974]) editou o *De re coquinaria* com base em dois manuscritos datados também do séc. IX, o *Codex Vaticanus* (V) e o *Codex* (E) da New York Academy of Medicine, ambos em letra carolíngia. Além de outro códice, o *Parisinus latinus* (P), que se acha escrito em letra semi uncial (ASFORA, 2008).

Para seguir a cronologia no desenvolvimento das escritas latinas (BATTELLI, 1949, p. 45-48), a sequência dos textos será:

- 1) para a letra semi-uncial, o manuscrito dos *Excerpta a Vinidario* no *De re coquinaria*, o BNF, *Parisinus latinus* 10318, dito de Saumaise;
- 2) para a letra beneventana ou lombardo-cassinense, o Códice de Arezzo (testemunho único) do *Itinerarium Egeriae*;

¹⁷ “[...] texto que llegó a perderse u olvidarse, y por eso a no reproducirse más, podría también ser recuperado, en todo o parte; en realidad, esto sólo puede suceder en los casos en que la pérdida y el olvido que actuaron en su contra no hayan sido totales y que por ello haya sobrevivido materialmente de / algún modo un ejemplar, una parte, un fragmento”.





3) para a letra carolíngia, os dois códices medievais do *De re coquinaria*: o *V – Codex Vaticanus Urbinas latinus* 1146, século IX – e o *E – Codex New York Academy of Medicine 1* (olim *Cheltenhamensis bibl. Philips* 275), século IX.

G. Battelli (1949) no capítulo 2, *Origine e sviluppo della scrittura latina*, oferece um gráfico, mostrando as relações entre as escritas latinas, como se vê na Figura 1:

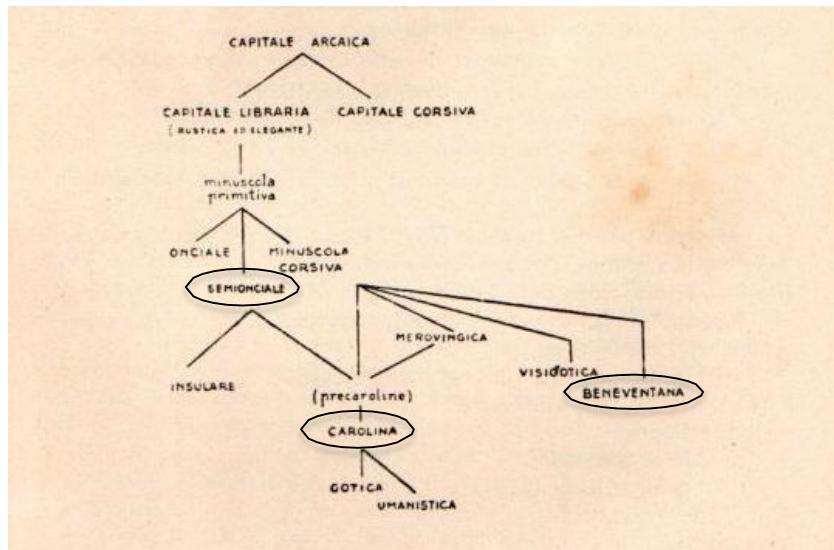


Figura 1 – Variações entre os gêneros de escrita¹⁸

Como vemos, a letra semiuncial é proveniente da uncial e da minúscula cursiva (latina). Assim, é necessário antes de falar da *uncial*: que “é uma escrita librária maiúscula de formas redondas, que foi usada do séc. IV ao IX¹⁹” (BATTELLI, 1949: 72), que ele descreve como caracterizada pelo traçado caligráfico e pelas formas redondas, distinguindo três grupos de letras: o primeiro ligado às características unciais **λ δ ε m**; o segundo, o das minúsculas **h q**; o terceiro, o das capitais que apresentam um traçado particular, a saber, o **G** de traçado grosso (pesado) ou com a haste descendente; o **T** com a haste arredondada; e o **U** com a haste esquerda em curva. G. Battelli explica a origem da letra semiuncial, formada pela “dupla influência” da minúscula e da uncial, o que determina o seu caráter de “escrita mista” (BATTELLI, 1949:83). Pouco antes havia descrito com mais pormenores a letra semiuncial: “Com o nome de semiuncial se designa

¹⁸ Retirado de Giulio Battelli (1949: 48). Destaques nossos.

¹⁹ “L’ onciale è una scrittura libraria maiuscola dalle forme rotonde, che fu usata dal sec. IV al IX”. Em nota Battelli adverte que para o estudo da escrita uncial é fundamental o livro de E. Chatelain, *Uncialis scriptura*, de 1901, em dois volumes (BATTELLI, 1949:72).





um gênero particular de escrita libraria que se encontra nos codices do século V ao IX, de tipo intermediário entre as formas solenes da capital e da uncial, e aqueles da minúscula cursiva²⁰” (BATTELLI, 1949, p. 81). Assinala G. Battelli que os manuais indicam três tipos de letras características **α ζ ρ**, mas faz a ressalva de que “[...] em realidade nenhuma destas formas é verdadeiramente da semiuncial, porque já são encontradas na minúscula²¹” (BATTELLI, 1949: 84). Esclarece, ainda: “Quando não são de forma maiúscula, semelhantes às correspondents unciais, as letras isoladas são minúsculas e de execução caligráfica [...]”²²” (BATTELLI, 1949: 84), descrevendo a seguir as demais letras minúsculas (BATTELLI, 1949:84-85).

A *scripta* lombardo-cassinense ou beneventana é uma das chamadas escritas regionais, nacionais ou pré-carolíngias. G. Battelli (1949) explica: “A escrita beneventana foi usada na Itália Meridional e na Dalmácia do final do séc. VII ao final do XIII²³” (BATTELLI, 1949: 123). Lembra Battelli, ainda, que “o centro mais importante foi o Mosteiro de Monte Cassino²⁴” (BATTELLI, 1949: 124). Quanto à origem diz G. Battelli que “A escrita beneventana representa uma evolução caligráfica da minúscula cursiva, com características particulares (BATTELLI, 1949: 124)”, passando a descrever estas características. Mais adiante ele diz quais são as letras mais importantes da escrita beneventana **α ε † α** e as descreve:

a parece-se com dois **c** unidos ou com **o + c**
e tem a parte superior alta e fechada, que ultrapassa a linha
r na forma mais comum é longo; desce sob a linha e eleva-se curvando-se bruscamente (uma outra forma curta é entretanto usada em ligadura e, nos manuscritos anteriores ao séc. XI, em final de palavra; uma terceira forma redonda semelhante a um **2**, derivada da uncial, se encontra depois de **o, a**, especialmente nos manuscritos mais tardios)
t traçado com três traços, parece às vezes com **a** (distingue-se dele pelo traço superior horizontal²⁵ (BATTELLI, 1949:128).

²⁰ “Col nome di semionciale si designa un particolare genere di scrittura libraria che si trova nei codici dei sec. V al IX, di tipo intermedio tra le forme solenni della capitale e dell’unciale, e quelle della minuscola corsiva”. Também aqui G. Battelli remete para o trabalho de É. Chatelain (BATTELLI, 1949:81).

²¹ “[...] in realtà nessuna di queste forme è veramente esclusiva della semionciale, perchè si trovano già nella minuscola”.

²² Quando non siano di forma maiuscula, simili alle corrispondenti unciali, le singole lettere sono minuscole e di esecuzione caligrafica: [...]”.

²³ “La scrittura beneventana fu usata nell’Italia Meridionale e nella Dalmazia dalla fine del sec. VII alla fine del XIII”. Battelli remete em nota a trabalhos de E. A. Lowe, O. Piscicelli e P. Lehmann (BATTELLI, 1949: 123).

²⁴ “Il centro più importante fu il monastero di Montecassino”.

²⁵ “[...] a somiglia a due c accostate o a o + c / e ha la testa rotonda e chiusa, che si innalza sopra la riga / r nella forma più comune è lunga; discende sotto la riga e si innalza ripiegandosi bruscamente (un’altra forma corta è però usata in legatura e, nei mss. anteriori al sec. XI, in fine di parola; una terza forma rotonda símile a un 2, derivata dall’unciale, si trova dopo o, a, specialmente nei mss. più tardi) / t tracciata in tre tratti, somiglia talvolta ala a (se ne distingue per il tratto superiore orizzontale)”. Grifos no original.





Na sequência Battelli continua a descrição das outras Letras. No que tange à escrita carolíngia, G. Battelli explica:

A minúscula carolíngia surge nos últimos decênios do séc. VIII, substituindo as minúsculas locais nas regiões francas, / na Itália Setentrional e Central, na Germânia e na Suíça: no séc. IX se difunde na Catalunha, no XI na Inglaterra e no XII no resto da Espanha (BATTELLI, 1949: 189).

Em resumo, Battelli (1949:189-191) esclarece que a minúscula carolíngia foi a escrita universalmente usada na França, na Germânia e na Itália Setentrional e Central, tendo a escola de Tours grande importância na França. Salienta ele, ainda, que, na Germânia floresceram especialmente as escolas de Aquisgrana, a sede imperial, Trévir, Colônia, Magúncia, Ratisbona, Constança, Salisburgo, juntamente com as fundações monásticas de Fulda, Lorsch e Reichenau, sendo também usada na Suíça.

Giulio Battelli destaca características gerais e de datação: “O alfabeto tem formas regulares e constantes; as letras são todas minúsculas com exceção do N que nos primeiros tempos pode ser maiúscula²⁶” (BATTELLI, 1949: 193). Na sequência descreve minuciosamente as características relativas ao seu traçado e uso nos séculos IX a XII (BATTELLI, 1949: 193-197). Conclui, então, afirmando:

A minúscula carolíngia, surgida como escrita librária foi usada também nos documentos, especialmente nas regiões onde não sobreviveram as antigas formas da minúscula cursiva ou das escritas curiais, e onde não se tinha o uso documentário de uma escrita nacional.

Entretanto, nos documentos ela conservou os seus caracteres, sem dar lugar a um tipo cursivo: a escrita dos documentos imitou aquela dos livros, apenas o traçado é mais livre e as letras têm formas menos regulares²⁷ (BATTELLI, 1949: 197).

E finalmente...

Ao encerrar, lembramos Roger Chartier (2014 [2010], que, no capítulo 5, *A mão do autor*, em *A mão do autor e a mente do editor*, escreveu:

O papel decisivo dos escribas no processo de publicação é um dos motivos para a perda de manuscritos autorais no início dos tempos modernos. [...] / [...]

²⁶ “L’alfabeto ha forme regolari e costanti; le lettere sono tutte minuscola ad eccezione della N che nei primi tempi può essere maiúscula”.

²⁷ “La minuscola carolina, sorta come scrittura libraria, è stata usata anche nei documenti, specialmente nelle regioni dove non sopravvivono le antiche forme della minuscola corsiva o delle scritture curiali, e dove non si aveva l’uso documentario di una scrittura nazionale. / Tuttavia nei documenti essa conservò i suoi caratteri, senza dar luogo a un tipo corsivo: la scrittura dei documenti ha imitato quella dei libri, solo il tratteggiamento è più libero e le lettere hanno forme meno regolari”.





Uma vez aprovado ou eventualmente corrigido pelo censor, o manuscrito era dado ao editor e então ao impressor. [...] Após essas intervenções textuais feitas pelo copista, pelo censor, pelo editor de cópia e pelos compositores, o manuscrito assinado perdia toda a importância. Além disso, depois da impressão do texto, a cópia do impressor compartilhava o mesmo destino e era geralmente destruída ou reciclada. É por isso que apenas um número limitado de cópias usadas nas gráficas sobreviveu, [...] (CHARTIER, 2014 [2010]: 137-138).

Espero ter podido mostrar, de algum modo, a importância tanto da paleografia, como da codicologia, para o melhor uso de um “texto recuperado”, quer se trate de uma edição, quer, mesmo, de uma tradução.

REFERÊNCIAS

ANDRÉ, Jacques. 2002 [1974]. Introduction. In: APICIUS. 2002 [séc. I a.C.]. *L'Art culinaire*. 2^o. tir. Texte établi, traduit et annoté par Jacques André. Paris, Les Belles Lettres. p. vii-xxiii.

APICIUS. 2002 [séc. I a.C.]. *L'Art culinaire*. 2^o. tir. Texte établi, traduit et annoté par Jacques André. Paris, Les Belles Lettres.

ARCE, Agustín. 1996. Introducción, In: ITINERARIO DE LA VIRGEN EGERIA: Constantinopla, Asia Menor, Palestina, Sinai, Egipto, Arabia, Siria. 1996 [381-384]. 2. ed. Trad. Agustín Arce. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos. Edición crítica del texto latino, variantes, traducción, anotada, documentos auxiliares, amplia introducción, planos y notas por Agustín Arce. p. 3-140.

ASFORA, Wanessa. 2008. Reflexões teóricas e metodológicas acerca dos manuscritos medievais de “De re coquinaria” para a história da alta alimentação da Alta Idade Média. *Bulletin du Centre d'Études Médiévales d'Auxerre*, Auxerre, hors-série n. 2 (“Le Moyen âge vu d'ailleurs”), t. 2 (“Penser sources et concepts”), 14p. Disponível em <http://journals.openedition.org/cem/10884>. Acesso em 12 dez. 2021.

ASFORA, Wanessa. 2009. *Apício: história da incorporação de um livro de cozinha na Alta Idade Média (séculos VIII e IX)*. 2009. Tese (Doutorado em História Social) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo. Disponível em: teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8138/tde-30042010-152820/pt-br.php. Acesso em 21 nov. de 2014.

ASFORA, Wanessa. 2018. O lugar de um livro de cozinha em uma biblioteca pública renascentista: estudo sobre o *De re coquinaria*, atribuído a Apício, a partir do manuscrito laurenziano *Plut. 73.20*. *Anais do Museu Paulista*, São Paulo, nova série, v. 26, p. 1-21.





Disponível em: <http://dx.doi.org/10.1590/1982-02672018v26e20>. Acesso em 10 dez. 2021.

BATELLI, Giulio. 1949. *Lezioni di paleografia*. 3. ed. Città del Vaticano: Pontificia Scuola di Paleografia e Diplomatica.

BROWN, Michelle P. 1993[1990]. *A guide to Western historical scripts: from Antiquity to 1600*. London: The British Library.

CASTRO, Inês de Ornellas e. 1997. *O livro de cozinha de Apício: um breviário do gosto imperial romano*. Sintra-Pt: Colares. Introd., trad. e comentários por Inês de Ornellas e Castro.

CHARTIER, Roger. 2014 [2010] A mão do autor. In: _____. *A mão do autor e a mentedo editor*. Tradução |George Schlesinger. São Paulo: EDUNESP. p. 129-151.

ITINERARIO DE LA VIRGEN EGERIA: Constantinopla, Asia Menor, Palestina, Sinai, Egipto, Arabia, Siria. 1996 [381-384]. 2. ed. Trad. Agustin Arce. Madrid: Biblioteca de Autores Cristianos. Edición crítica del texto latino, variantes, traducción, anotada, documentos auxiliares, amplia introducción, planos y notas por Agustin Arce.

McKENZIE, Don9 F. 2005 [1999]. *Bibliografía y sociología de los textos*. Trad. Fernando Bouza. Madrid: Akal. Prólogo de Roger Chartier.

NEVALAINEN, Terttu; RAUMOLIN-BRUNBERG, Helena. 2012. Historical sociolinguistics: origins, motivations, and paradigms. In: HERNÁNDEZ-CAMPOY, Juan Manuel; CONDE-SILVESTRE, Juan Camilo (ed.). *The handbook of historical sociolinguistics*. Oxford: Wiley-Blackwell. p. 22-40.

PETRUCCI, Armando. 2003 [2002]. *La ciencia de la escritura: primera lección de paleografía*. Tradução Luciano Padilla Lopez . Buenos Aires: Fondo de Cultura Económica de Argentina.

SCHNEIDER, Edgar W. 2013 [2002]. Investigating historical variation and change in written documents: new perspectives. In: CHAMBERS, J. K.; SCHILLING, Natalie (edit.). *The handbook of language variation and change*. 2nd ed. Chichester-West Sussex: Wiley-Blackwell, p. 57-81.

TELLES, Célia Marques. Alguns aspectos do estilo da literatura de viagens: 'os roteiros de navegação', 'os diários de navegação' e as 'cartas-relação': uma contribuição ao estudo do português do século XVI. 1969. In: Congresso da Associação de Lingüística e Filologia da América Latina, 2, São Paulo, janeiro 1969. Comunicação apresentada na seção "Gramática e estilística portuguesa". Cópia datilografada, não publicada.

TELLES, Célia Marques. 2002. O discurso na literatura de viagens. In: CONGRESSO ABRALIC, 7: Terras & Gentes. Salvado, ABRALIC: UFBA. v. 1, p. 1-12.





TELLES, Célia Marques. 2012. A expressão do alocutário no *De re coquinaria*. In: LOBO, Tânia; CARNEIRO, Zenaide; SOLEDADE, Juliana; Ribeiro, Silvana (org.). *Rosae: linguística histórica, história das línguas e outras histórias*. Salvador: EDUFBA. p. 555-566.

TELLES, Célia Marques. 2014. Sociolinguística e Filologia Textual: minicurso. In: CONGRESSO INTERNACIONAL DE DIALETOLOGIA E SOCIOLINGÜÍSTICA, 3.

Londrina: UEL. Slides 30-91. Aula 1, A guisa de exemplo: Análise 1 (*Itinerarium Egeriae*), slides 31- 59; Análise 2 (*De re coquinaria*), slides 60-91.

TELLES, Célia Marques. 2015. Ler os manuscritos medievais: minicurso. In: ENCONTRO DE ESTUDOS MEDIEVAIS, 11. Pirenópolis-GO: ABREM; UFG. Aula 1, slides 33-38.

VÁZQUEZ, Nila; MARQUÉS-AGUADO, Teresa. Editing the medieval manuscript in its social context. 2012. In: HERNÁNDEZ-CAMPOY, Juan Manuel; CONDE-SILVESTRE, Juan Camilo (ed.). *The handbook of historical sociolinguistics*. Oxford: Wiley-Blackwell. p.123-139.

WEINRICH, Harald. 1968 [1964]. *Estructura y función de los tiempos en el lenguaje*. Trad. de Federico Latorre. Madrid: Gredos.

